

Fundação Getúlio Vargas
Relatório Conexão Local
Orientadora: Kate Dayana R. de Abreu
Alunas: Nayara Noronha e Isabela Moura
Pesquisa: Associação Central Veredas

Central Veredas: artesanato e comercialização no Vale do Rio Urucuia

São Paulo/2014

Agradecimentos

Inicialmente gostaríamos de agradecer à coordenação do programa Conexão Local da Fundação Getúlio Vargas, na figura do Professor Rafael Alcadipani que nos orientou previamente para realizarmos uma pesquisa de campo proveitosa e enriquecedora. Agradecer também à Isolete Rogeski que nos proporcionou todo apoio logístico e operacional da viagem.

Gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que nós conhecemos e que nos receberam durante a pesquisa. Em especial à Luciana Vale e à toda equipe da Central Veredas que nos acompanharam na região e nos apresentaram a iniciativa. Contudo, a Luciana foi o meio que nos permitiu o envolvimento com as histórias e com as artesãs da região do Vale Rio Urucuia.

E por fim agradecemos à nossa orientadora Kate Dayana que foi maravilhosa em todos os aspectos, em nos iniciar previamente a realidade local, aos programas do governo, em nos ensinar como nos portar em campo e em como iniciar no mundo da pesquisa. À Kate, um agradecimento especial por ter sido nossa orientadora.

Sumário

1.Introdução.....	4
2.O Vale do Rio Urucua.....	5
3.Central Veredas.....	7
3.1 Origem da Central Veredas.....	7
3.2 Estrutura e Funcionamento.....	9
3.3 Potencialidades e Desafios Atuais.....	11
3.4 Considerações Finais.....	13
4.Experiência Pessoal.....	14
5.Bibliografia.....	16

1. Introdução

O projeto Conexão Local foi criado em 2005 e é uma iniciativa do Centro de Pesquisas da Fundação Getulio Vargas. Ocorre anualmente e tem como propósito oferecer aos alunos da graduação um primeiro contato com a pesquisa etnográfica que consiste em imersão a campo, visando à observação de um contexto que está submetido a formas inovadoras de gestão social e de desenvolvimento econômico local. A imersão em campo possibilita, além da interação entre os alunos, a observação dos atores que estão inseridos no contexto local. A duração do projeto é de aproximadamente 21 dias, sendo que nos 7 primeiros há um acompanhamento de um orientador.

O Projeto Conexão Local de julho de 2014, com as integrantes Isabela Santos Moura e Nayara Marques Noronha e sob a supervisão de Kate Dayana R. de Abreu, teve como objetivo a compreensão do contexto ao qual está inserido a Associação Central Veredas, localizada no Vale do Rio Urucuia, noroeste de Minas Gerais.

A imersão durou 21 dias, que foram majoritariamente acompanhados pela Luciana Vale, uma das gestoras da Central Veredas. Durante esse período visitamos diferentes núcleos de produção que nos possibilitaram maior entendimento de toda a cadeia de produção e dos efeitos causados pela Central na região. Além disso, foi possível verificar a dificuldade de transporte e comercialização entre as cidades, fato primordial para a criação da Central Veredas. A região do Vale do Urucuia, caracterizada pela paisagem típica do Cerrado trazendo traços do imaginário sertanejo por Guimarães Rosa em sua obra *“O Grande Sertão Veredas”*.

A Central Veredas foi criada em 2010 e é uma central de associação de 9 núcleos de produção de artesanato - utilizando como matéria prima o algodão, buriti e bordados - localizados em diferentes municípios: Arinos, Bonfinópolis, Buritis, Natalândia, Riachinho, Sagarana, Serra das Araras/Chapada Gaúcha, Uruana de Minas e Urucuia. Ela é organizada em forma de Rede Solidária, e tem como objetivo dar apoio logístico e cooperar economicamente para ajudar a comercializar os produtos de tais núcleos. Sendo assim, a Associação procura manter a cultura local das artesãs, oferecer a elas qualificação e promover a igualdade de gêneros.

Cada núcleo é responsável por algumas etapas do processo de produção, que originalmente é composta pela fiação do algodão, pelo tingimento natural até o processo de tecelagem de diversos produtos, entre eles estão colchas de cama, tapetes, cortinas, mantas e cachecóis. A Associação também comercializa produtos feitos a partir do caule do buriti, como,

por exemplo, tapetes e caixinhas e molduras de quadro. Há também alguns grupos de mulheres que bordam as belezas da fauna e da flora dessa região em blusas, almofadas e quadros. Tais produtos com bordado são muito apreciados nas feiras nacionais e internacionais de artesanato, por retratar traços peculiares do Brasil e, mais especificamente, do Vale do Rio Urucuia. O trabalho está servindo para melhorar a vida das bordadeiras através de programas de capacitação para o aperfeiçoamento de seu trabalho e da geração de uma renda extra.

2. O Vale do Rio Urucuia

Segundo a Academia Planaltinense de Letras, a bacia hidrográfica do Rio Urucuia nasce na fronteira de Goiás e Minas Gerais, na Serra Geral. Suas águas chegam ao Rio São Francisco e sua vegetação constitui-se predominantemente de caatinga e cerrado, formando uma paisagem com poucas árvores de grande porte e muitos arbustos.

Onze municípios pertencem à bacia do rio Urucuia, são eles: Buritis, Cabeceiras, Formoso, Arinos, Chapada Gaúcha, Pintópolis, Uruana de Minas, Urucuia, Riachinho, Bonfinópolis de Minas e São Romão. De acordo com dados de 2010 do IBGE, a soma da população das onze cidades citadas acima é de 114.044 habitantes. Todavia foram visitados apenas aqueles que fazem parte da Central Veredas, conforme tabela abaixo, que apresenta a quantidade de habitantes e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de cada um deles.

Município	População	IDH-M
Arinos	17674	0,656
Buritis	22737	0,672
Chapada Gaúcha	10805	0,635
Riachinho	8007	0,632
Uruana de Minas	3235	0,664

Tabela: Municípios do Vale do Rio Urucuia visitados pela dupla de pesquisadoras

Fonte: Dados retirados do Atlas de Desenvolvimento Humano (PNUD, 2013)

O cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é constituído através de critérios como educação (taxa de matrícula e alfabetização), longevidade da população e renda (PIB per capita). Tal cálculo tem como objetivo medir o nível do desenvolvimento humano do país. O IDH-M utiliza a mesma metodologia de cálculo do IDH para as cidades. Das cidades citadas e visitadas, todas possuem um valor que segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano é considerado médio. Em relação ao porte das cidades temos duas cidades que possuem menos de 10.000 habitantes, portanto, segundo o IBGE estas cidades são consideradas de porte pequeno. As demais, com mais de 10.000 habitantes são consideradas cidades de porte médio.

Ao viajar pela região foi possível verificar a riqueza da fauna e da flora local e o esforço que a sociedade faz para preservá-la. É impressionante o conhecimento que as pessoas possuíam sobre a natureza e sobre maneiras de aproveitar frutos e partes específicas de algumas árvores.

Durante os 21 dias conhecemos, além da Central Veredas, outras organizações locais e regionais, que atuam visando o desenvolvimento socioeconômico regional e a preservação cultural e dos recursos naturais. O Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão (Cresertão), sediado em Sagarana, um distrito de Arinos e um dos primeiros assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na região. A iniciativa nasceu de um deputado estadual nascido e criado na região que tinha o interesse no desenvolvimento local das famílias através de soluções simples e sustentáveis. O objetivo do Cresertão é difundir tecnologias sociais para fortalecer a organização social e o desenvolvimento regional (PARACA, 2011). E atualmente está inserido no Programa de Reaplicação de Tecnologias Sociais, patrocinado pela Fundação Banco do Brasil. Na sua sede encontramos em funcionamento uma marcenaria, uma fábrica de móveis de bambus, horta em mandala e uma unidade demonstrativa de fossa seca. Essas iniciativas, exceto a última, geram emprego para a população local além de oferecerem cursos para iniciantes na marcenaria e para a construção de móveis. Essa ONG ocupa um espaço em Sagarana oriundo de uma parceria com o IEF (Instituto Estadual de Floresta) responsável por preservar a vegetação nativa do Cerrado. Este órgão tem presença em toda a região do Vale do Rio Urucuia com o intuito de preservar a fauna e flora local e reduzir o número de queimadas naturais na região.

A Copabase é uma cooperativa de agricultura familiar, com sede em Arinos, cujo objetivo principal é a organização e a comercialização de maneira sustentável dos produtos culturais e dos artesanatos da região Vale do Rio Urucuia. São diversos os atores que contribuem para o seu

desenvolvimento, dentre eles: a Prefeitura, os pequenos agricultores, a população local e a Fundação Banco do Brasil. Um ponto interessante a ressaltar sobre a cooperação é o programa que eles oferecem, em parceria com o BBeducar que tem como objetivo oferecer a possibilidade de estudo às artesãs da região, e esse, muitas vezes, é o primeiro contato delas com a escola. Quando conversamos com uma artesã descobrimos que a motivação que ela encontrava para ir à escola com 50 anos é a possibilidade de poder ensinar algo aos filhos e servir de exemplo e motivação para eles estudarem.

Em Chapada Gaúcha, conhecemos o Instituto Rosa Sertão, que foi criado em 2007 com o objetivo de valorizar e manter a variedade cultural e ambiental da região. Além das organizações citadas, há também, no Vale do Rio Urucuia.

3. Central Veredas

3.1 A origem da Central Veredas

A Associação Central Veredas foi pensada em 2008 dentro da Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Rio Urucuia, cuja sede está localizada no município de Arinos. Ela surgiu dentro de um projeto Guarda Chuva chamado Urucuia Grande Sertão que visa o desenvolvimento local da região que corresponde ao Vale do Rio Urucuia. Este projeto idealizou iniciativas como a Copabase e a Central Veredas. Esta última foi pensada a partir da necessidade de agrupar todas as associações de artesãos que trabalhavam com a tipologia do algodão e com a matéria prima extraída do Buriti em uma única “central” responsável pela logística regional necessária para a produção e a comercialização dos produtos.

Entretanto a iniciativa de resgate cultural das artesãs ocorreu um pouco mais de dez anos antes da criação da Central Veredas. Através da imersão na cultura da região e do contato com os atores locais, principalmente através da Luciana Vale que atualmente faz parte da produção da Central Veredas.

O resgate cultural aconteceu, inicialmente no ano de 1986, nas proximidades do Município de Arinos e distritos de Sagarana e Uruana de Minas (tornou-se município independente em 2007) com a tentativa de resgatar o processo da fiação do algodão e da tecelagem, que no período era considerado sinal de pobreza na região. Pois, historicamente, a fiação era realizada a partir do excedente do algodão proveniente da agricultura local das famílias

na região e com esta matéria prima a mulher tinha a obrigação de prover as roupas que maridos e filhos iriam vestir, entretanto essa prática foi ficando esquecida e ganhando notoriedade negativa entre os moradores. Mas, ainda assim, a tradição da fiação e tecelagem foi passando de mãe para filha e elas afirmam que para alegrar o dia-a-dia tinham o costume de cantar durante o trabalho artesanal, pois as mulheres fiavam em grupos para conversar e tradicionalmente elas faziam rimas que entoavam as cantorias da região. Essa era uma prática cotidiana entre elas que foi resgatada com a Dona Gercina, quem criava versos e puxava as fiandeiras nas cantorias. Foi dentro desse contexto que Luciana Vale buscou resgatar o processo, e o primeiro financiamento ocorre em 1999 através do Banco Mundial, a entrada no Brasil ocorreu via SEVAS e esse financiamento revitalizou um grupo de tecelãs que atualmente utiliza o fio industrial.

No mesmo período a região que compreende ao sertão brasileiro passava por uma seca que condenava a qualidade de vida da população, chamando atenção da primeira dama na época, Ruth Cardoso, que visitou a região e observou que era necessário gerar renda através do resgate de tradição e do saber local. Foi nesse contexto que a SUDENE e o Artesol - Programa de Artesanato Solidário para a geração de renda na seca do Sertão - passaram a contribuir com o desenvolvimento artesanal da região. A entidade entra em contato com o SEBRAE que já conhecia o trabalho da Luciana na região e a indica para identificar e mobilizar os artesãos no sertão nordestino e no Vale do Jequitinhonha,

E é com a ampliação do programa que o Vale do Urucuia entra nessa iniciativa. Inicialmente o programa foi desenvolvido para ser um processo produtivo de organização coletiva, entretanto as mulheres envolvidas no processo não conseguiam administrar mesmo com os altos investimentos em capacitação na área da gestão. As primeiras cidades envolvidas no projeto foram: Sagarana, Riachinho e Uruana através das fiandeiras e foi com o trabalho delas que nasceu o Polo Veredas, financiado pelo SEBRAE e Artesol. No período do resgate, Luciana notou que todas sabiam fiar, por este ser um trabalho, historicamente, da mulher na região. Mas não foi possível resgatar a plantação do algodão e a sua colheita de forma manual levando a utilização do algodão industrial. O primeiro passo foi responsabilizar cada associação na distribuição do algodão para as fiandeiras, nesta etapa o produto final é a linha. A segunda etapa do processo de produção foi encontrar formas de realizar o tingimento natural. Contudo, esta prática também era comum na região através dos frutos da flora local, e foi possível, inicialmente, montar uma cartela com 14 cores, que não conseguiu se sustentar por muito tempo

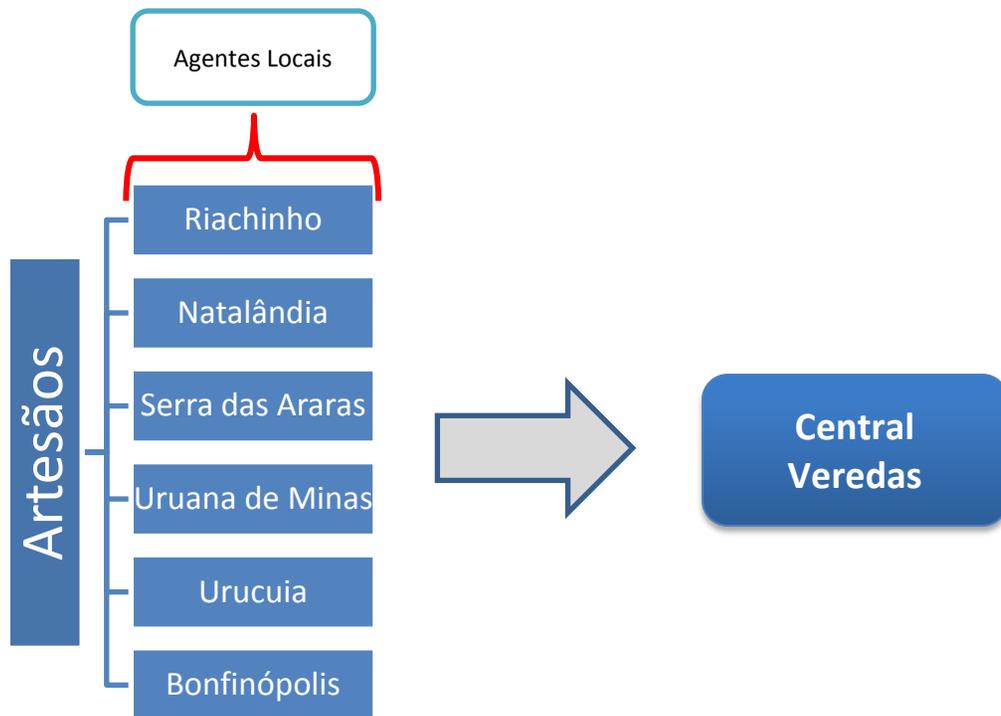
pela dificuldade de conseguir as plantas necessárias para o tingimento. Nesse contexto que surgiu a tinturaria artesanal, no modelo tradicional de produção.

Com as três etapas completas da produção do produto: fiação, tingimento e tecelagem foi possível padronizar linhas, linguagem de trabalho, cores e modelos de produção para inserir as mulheres no mercado de trabalho e criar entre elas um auto reconhecimento como artesãs.

Em 2004 o Artesol parou de financiar o projeto, pois ocorre uma mudança estrutural na sua gestão em nível nacional que o transforma em uma rede de grupos de artesanato no Brasil. Conseqüentemente o projeto das artesãs precisou se remodelar para conseguir sobreviver através de outro programa de financiamento, nesse momento o papel da Agência de Desenvolvimento do Vale do Rio Urucuia se mostra de extrema importância, pois esta consegue captar recurso de programas que visam o desenvolvimento nacional e inclui o artesanato como tipologia que colabora com o desenvolvimento local. Nesse momento a Central Veredas necessita incorporar outras tipologias artesanais do noroeste de Minas Gerais, como o artesanato das caixinhas e molduras de Buriti e o bordado regional.

3.2 Estrutura e Funcionamento da Central Veredas

A Central Veredas é uma associação de associações artesanais que estão localizadas na região do Vale do Rio Urucuia, ela foi criada com o intuito de escoar de forma mais eficiente a produção artesanal, e para coordenar a logística de vendas. Logo, sua estrutura foi construída conforme apresentado na figura abaixo, com o objetivo de incentivar a participação dos atores locais.



Em uma ponta da estrutura estão os artesãos que são remunerados por peça vendida e fazem parte da associação do local em que produzem, estes possuem como apoio um Agente Local responsável por fazer a contagem e distribuição da matéria prima utilizada, e dos produtos que foram confeccionados, precificar cada produto final e repassar a remuneração de cada peça para cada artesão da sua localidade. O Agente Local também é responsável por reunir todas as peças produzidas na sua associação e entregá-las a Central Veredas em perfeito estado, para esta última possa realizar a venda dos produtos.

O Agente Local responde à Central Veredas mensalmente através de um relatório, onde a gestão central consegue acompanhar tudo o que acontece nas 5 associações da região. A gestão da Central é composta por três funcionárias, cada uma responsável por cada uma das áreas: comercialização, administrativo financeiro e produção. Essas áreas dão suporte aos agentes locais e escoam a produção para outras regiões do país, e também são responsáveis por captar mais recursos públicos para aumentar a sobrevivência do projeto – que hoje é inteiramente financiado pela Fundação Banco do Brasil – e participar de feiras de artesanato, vender em vitrines culturais ou fazer parcerias de venda, como acontece com a Artesol na cidade de São Paulo.

A Central Veredas conseguiu captar recurso para remunerar todos os funcionários da gestão central e agentes locais através da parceria com a Copabase que conseguiu arrecadar em torno de R\$ 8 milhões da Fundação Banco do Brasil entre os anos de 2009 e 2014 para o desenvolvimento local da região, é o que explica a gestora responsável pela captação de recursos das duas associações - Central Veredas e Copabase. Foi com essa parceria que a Central Veredas conseguiu uma consultoria em gestão financeira que realiza a prestação de contas de todos os produtos vendidos por ela vendido com todas as artesãs da região do noroeste de Minas. Nós conseguimos observar nessa reunião a prestação de contas e entender melhor como funciona os arranjos de uma gestão em redes, onde cada um faz a sua parte e coloca em prática conceitos da economia solidária.

É importante ressaltar que a Central Veredas é autogestionária, pois todos os agentes locais são da comunidade e possuem forte ligação com o trabalho do artesanato local ou são as próprias artesãs que ocupam o cargo de agente local, criando uma gestão colaborativa entre a liderança das associações locais com a diretoria da Central Veredas. Entretanto as artesãs não fazem parte da gestão técnica e estratégica, sendo esta uma responsabilidade da diretoria da Central Veredas que segue um plano de negócios bem estruturado e transparente.

Através da imersão em campo observamos que existem esforços por parte da diretoria da Central Veredas em informar sobre valores, pagamentos e dificuldades para todas as artesãs envolvidas no processo, contudo a grande maioria das mulheres não possuem interesse em participar da gestão técnica e concentram esforços na produção do artesanato. E essa característica cumpre com o objetivo do projeto que não está unicamente centrado no fator econômico, pois para a maioria das artesãs entrevistadas durante a pesquisa afirmam que o artesanato é complemento de renda e que ele não é capaz de sustentar a família, mas elas possuem consciência do resgate cultural e do aumento na qualidade de vida, e este último está ligado à dignidade humana e à transformação social que a arte pode trazer à vida dessas mulheres.

3.3 Potencialidades e Desafios atuais

Durante nosso período em campo conversamos com os atores locais envolvidos na iniciativa, entre eles artesãs, gestores municipais, parceiros e gestoras técnicas da iniciativa.

Através desse contato observamos que um dos maiores desafios da Central Veredas é conseguir capital necessário para dinamizar a produção artesanal. Pois, atualmente as artesãs só recebem o pagamento após a Central conseguir vender os produtos, o que desmobiliza a produção dos grupos locais. Essa organização tem conseguido vender, apenas, em feiras artesanais nos grandes centros urbanos do país, frequentadas por consumidores de médio e alto poder aquisitivo e que buscam produtos diferenciados. Esse entrave consegue ser agravado pelo alto custo do produto final que é consequência do trabalho em rede, onde um único produto envolve diferentes cidades, logo várias artesãs. Sendo necessário embutir no preço para o consumidor o valor da mão de obra de todos os artesãos envolvidos, mais o transporte entre as cidades, além da comissão da Central Veredas que realiza o processo de vendas.

O corpo principal do projeto consegue trazer um alto apelo emocional, pois estamos falando de mulheres no sertão que buscam uma geração alternativa de renda através do artesanato local, entretanto a Central Veredas não consegue sintetizar essa informação e levar ao consumidor que não conhece e nunca teve contato com a região, o que torna difícil a venda dos produtos em feiras artesanais que são os locais mais propícios para escoar a produção.

O fato da Central ser uma economia solidária gera algumas dificuldades, como por exemplo ocorreu, há dois anos, uma mudança de funcionários na gestão da Central Veredas, e o que percebemos é que esta última diretoria responsável não mantinha um diálogo bem estruturado com os agentes locais o que gerou uma crise de produção, e conseqüentemente uma crise financeira na associação. Como informado anteriormente, as fiandeiras utilizam algodão industrializado que é comprado pela Central, entretanto este algodão vem prensado e dessa forma não é possível realizar o processo de fiação. Para isso, há alguns anos a Central ganhou uma máquina responsável por “soltar” o algodão e no último esta mesma máquina quebrou, pois houve descuido na manutenção do local em que o equipamento estava instalado. Esse fato gerou uma crise de produção, pois sem algodão não há linha e sem a linha não tem o tecido, logo não tem venda nem capital para girar a produção.

Com essa crise, parceiros, como o SEBRAE, ficaram distantes do projeto e artesãs também desistiram de produzir por não receberem matéria prima necessária. Nesse contexto de crise, a Dona Gercina uma das fiandeiras que, também era presidente da associação de Sagarana foi inscrita em um programa da ONU (Organização das Nações Unidas) chamado “Mulher artesã brasileira”, em (ano) e teve a oportunidade de ir à Nova Iorque expor seus produtos e foi através

dessa oportunidade que a mídia voltou à olhar para os artesanatos produzidos na região e consequentemente trouxe os parceiros de volta.

A crise de produção foi agravada por problemas burocráticos que surgiram com o falecimento da Dona Gercina que possuía em seu nome toda a documentação da Central Veredas o que dificulta a captação de recursos e a movimentação financeira da associação.

Outro desafio da Central é despertar o interesse de jovens que queiram manter a cultura regional de forma a não deixar a Central Veredas morrer, pois os jovens não tem se interessado com as atividades artesanais incentivadas pela Central.

O terceiro desafio da Central é manter as artesãs motivadas e atrair novas integrantes. Como a Central passou um período com falta de recursos, as artesãs ficaram desmotivadas e algumas até se desligaram.

O quarto desafio é continuar procurando formas de divulgar e de obter recursos. A Central divulga muito dos seus produtos em feiras e exposições, porém é necessário obter recursos para o deslocamento, hospedagem e alimentação dos funcionários que representarão a Central em tais eventos. Além disso, essa organização possui espaços físicos e funcionários que trabalham mensalmente para seu funcionamento, é necessário um meio de transporte e gasolina para locomover os produtos e tudo isso exige recursos, e a sua obtenção é um dos maiores desafios da Central.

3.4 Considerações Finais

Durante a pesquisa de campo tivemos a oportunidade de ter contato com diversas mulheres envolvidas na iniciativa e quando questionadas sobre a importância do artesanato para sua vida, grande parte das artesãs o classificava como atividade complementar e não trabalho principal para o sustento da família, mostrando que há um prazer associado à atividade artesanal. As artesãs consideram o trabalho de resgate da Central Veredas algo muito positivo, pois é uma fonte alternativa de renda para suas famílias, realiza o resgate de uma prática que a maioria delas aprendeu com suas mães e avós e que antes não era valorizado, elas conseguem um reconhecimento profissional por meio do artesanato e consideram, também, uma atividade que permite que surjam novas amizades com as outras mulheres associadas, e isso é possível através das cantorias na fiação. Entretanto o mais importante para as mulheres envolvidas no trabalho é o

aumento na qualidade de vida e as oportunidades de terem novas experiências que sem o trabalho da Central Veredas muitas delas não conseguiriam. Ouvimos de forma recorrente diversos relatos de momentos únicos na vida dessas mulheres; como ganhar um prêmio, ver o mar, receber um almoço de presente, dar entrevista e contar sobre o seu trabalho são apenas alguns exemplos sobre as consequências da iniciativa.

O projeto foi desenhado, inicialmente, para ser uma geração alternativa de renda para famílias das regiões atacadas pela seca do Cerrado. Entretanto a dimensão ganhou notoriedade no plano mais humano e mais sensível, pois as famílias continuam sofrendo com a seca e tendo dificuldades em escoar ou se alimentar de sua produção agrícola, mas essas mulheres conseguiram resgatar sua história através da arte e ganharam experiências únicas levando seu trabalho para vários lugares do Brasil e do Mundo.

4. Experiência Pessoal

Isabela:

A viagem para o Vale do Rio Urucuia foi muito enriquecedora. Sair de São Paulo, que é uma região muito povoada, e ir para o norte de Minas Gerais foi um choque muito grande. Por um lado tínhamos a paz da natureza, por outro o tédio da calma e da falta das atividades que temos em São Paulo.

Ademais, aproximadamente a metade do período fiquei sem acesso a tecnologia, o que no início foi um baque e depois foi parando de fazer falta e deixando espaço para pensamentos sobre aspectos da vida.

Um outro fato bem interessante foi conviver com pessoas inteligentes e com vontade de deixar algum benefício a sociedade. A generosidade e a solidariedade foram aspectos que se destacaram na população do Vale do Rio Urucuia.

O convívio com a equipe da Central Veredas foi intenso e conseguimos uma visão minuciosa do funcionamento da Central e dos relacionamentos entre os funcionários e entre as entidades da região. Além disso, o contato com os funcionários nos deu uma visão do dia a dia da vida de quem mora na região e principalmente de quem trabalha e tem o artesanato como segunda fonte de renda.

Ficar 21 dias em uma região distinta de São Paulo, convivendo com pessoas que possuem outra cultura e predominantemente outros valores foi muito enriquecedor e trouxe experiências que contribuirão muito para minha vida pessoal e profissional.

Nayara Noronha:

Durante o processo de imersão a campo na região do Vale do Rio Urucuia entrei em contato com uma realidade social, geográfica e urbana totalmente diferente. Tive a oportunidade de observar de perto as dificuldades do povo do sertão em gerar renda e em conseguir apoio do governo de todas as esferas. Entretanto o governo é a única entidade que colabora com a região e acredita no potencial de homens e mulheres sertanejas.

Foi possível conhecer diversas iniciativas locais que nascem da comunidade para o desenvolvimento da comunidade e que merecem ganhar notoriedade pela inovação e vontade de mudança, e como exemplo temos as tecnologias sociais desenvolvidas no CreSertão que com uma gestão mais aprimorada poderia expandir para além de Sagarana, outro exemplo é a Copabase que também surpreendeu pelo nível de organização de pequenas famílias agricultoras que utilizam a flora do sertão de forma sustentável para a geração de renda. E o mais surpreendente foi observar o trabalho artesanal de mulheres que passaram a vida trabalhando na roça, mas que demonstravam uma delicadeza ao manusear o tear ou a agulha do bordado.

Entretanto o maior aprendizado foi conhecer uma iniciativa de geração de renda que não tinha como objetivo principal o lucro e a sustentabilidade econômica das famílias envolvidas, mas de trazer valorização ao trabalho artístico, dignidade ao trabalho artesanal e desmistificar o fato de que fazer tecido está ligado à pobreza. A Central Veredas conseguiu criar uma consciência regional que liga o artesanato à arte e ao resgate cultural e histórico da região. Além da valorização do estilo de vida do povo sertanejo.

5. Bibliografia

Brasil, Portal Brasil. Redes solidárias conectam elos da cadeia produtiva. Brasília, 2012.

Disponível em: <<<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/04/redes-solidarias-conectam-elos-da-cadeia-produtiva>> Acessado em: 13/08/2014.

Academia Planaltinense de Letras. História do Vale do Rio Urucuia em Minas Gerais. Brasil, 2011. Disponível em: <<<http://academiaplanaltinensedeletras.blogspot.com.br/2011/02/historia-do-vale-do-rio-urucuia-em.html>> Acessado em: 12/08/2014

Governo de Minas Gerais. Análises, estudos e pesquisa. Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<<http://www.mg.gov.br/governomg/portal/ini/governomg/estado/5414-analises-estudos-e-pesquisa/5543/5143>> Acessado em: 12/08/2014

Prefeitura Municipal de Arinos. Arinos, Minas Gerais. Disponível em: <<<http://www.arinos.mg.gov.br/prefeitura/equipe-de-governo.html>> Acessado em: 12/08/2014

Copabase, Minas Gerais. Quem somos. Minas Gerais, 2011. Disponível em: <<<http://www.copabase.org/quem-somos/>> Acessado em: 12/08/2014

Centro de Raízes e Amidos Tropicais, UNESP. Pluriatividade e Reprodução Social dos Produtores de Mandioca no Vale do Rio Urucuia. Disponível em: <<<http://www.cerat.unesp.br/Home/RevistaRAT/artigos/181%20PLURIATIVIDADE%20E%20REPRODU%20SOCIAL%20DOS%20PRODUTORES%20DE%20MANDIOCA%20NO%20VALE%20DO%20RIO%20URUCUIA%20-%20MG.pdf>> Acessado em 14/08/2014

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Painel do Histórico do Município de Arinos, Minas Gerais. Disponível em: <<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=310450&search=|arinos>> Acessado em 14/08/2014

Instituto Estadual de Florestas. Serviços do Instituto. Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<<http://www.ief.mg.gov.br/servicos-ief>> Acessado em 14/08/2014

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População de Arinos, Censo de 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur.php?codigo=310450> Acessado em 20/08/2014

Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Cidades. Minas Gerais, São Romão. Disponível em: <<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=316420&search=minas-gerais|sao-romao>> Acessado em 20/08/2014

Mapa do Pescador. Rio Urucuia. Disponível em: <<<http://www.mapadopescador.com.br/rios/45/>> Acessado em 20/08/2014

Terra. Entenda o calculo do IDH e seus indicadores Disponível em:
<<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI152578-EI306,00-Entenda+o+calculo+do+IDH+e+seus+indicadores.html>> Acessado em 30/08/2014

Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Censo 2010. Indicadores Sociais Municipais 2010: Incidência de pobreza é maior nos municípios de porte médio. Disponíveis em:<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2019&busca=1&t=indicadoressociais-municipais-2010-incidencia-pobreza-maior-municipios-porte-medio>> Acessado em 30/08/2014